
ANAIS DO EVENTO

IV Mostra de Trabalhos sobre Mulheres



de 12/04/2023 até 14/04/2023

Cáceres, MT

ÍNDICE

EMPREENDEDORISMO E MERCADO DE TRABALHO

Desigualdade De Gênero No Mercado De Trabalho Brasileiro	1
--	---

GÊNERO E EDUCAÇÃO

A Desvalorização Da Profissional Docente Em Relação A Gênero	2
Assédio E Opressão: Não Se Cale!	3
Hipátia De Alexandria: Contribuições Da Primeira Mulher Matemática Da História ..	4
Maria Laura Mouzinho Leite Lopes: A Primeira Mulher Doutora Em Matemática Do Brasil	6
Mulheres, Gênero E Educação Matemática	8

GÊNERO, CLASSE, RAÇA/ETNIA E GERAÇÃO

A Constituição De Terreiros De Candomblé Através Da Resistência De Mulheres Negras No Brasil Colonial	10
Desigualdade De Gênero No Mundo Do Trabalho Na Sociedade Contemporânea	11
Maryam Mirzakhani: Uma Iraniana Que Mudou O Contexto Da Matemática Mundial	12
Mulheres Cis Lésbicas E Suas Vivências Do Espaço Da Casa, Em Cáceres - Mt, Na Sociedade Contemporânea: Entre O Céu E O Inferno	14
Vozes Indígenas No Ensino De História: Podcast Sobre A História Da Chiquitana, Maria Isabel Velasco	15

GÊNERO, CULTURA E ARTE

Elas Em Cena: As Danças Urbanas No Contexto Cacerense	16
Pamela Colman Smith: Um Panorama Biográfico	17

POLÍTICAS PÚBLICAS

A Evolução Do Direito Feminino Na Legislação Brasileira: Relações Entre O Direito E A História	18
A Participação Das Mulheres Na Política	19
A Promoção Dos Direitos Humanos No Direito Brasileiro Pela Perspectiva Decolonial	

.....	20
Mulheres Em Vulnerabilidade Social: A Importância Do Npj/unemat Na Garantia Do Acesso À Justiça Na Cidade De Cáceres Mt	21

RELATOS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

A Mulher E Sua Posição Na Sociedade: Da Antiguidade Aos Dias Atuais: Pequenos Relatos De Meninas No Contexto De Escuta Em Sala De Aula	22
Caminhos Percorridos Por Uma Professora Atuante Nas Múltiplas Etapas No Ensino De Matemática	23
Meninas Da Educação Básica Na Ciência: Uma Experiência Como Futura Cientista	25
Mulheres Voluntárias E Assistidas: Unidas Em Defesa Da Vida!	26
O Coletivo De Mulheres De Cáceres	27
Para Mim, Para Você, Mulher Negra: A Importância Do Debate Sempre	28
Relato De Experiência: Roda De Conversa Sobre Pobreza Menstrual Na Escola Estadual **	29
Vivências E Contribuições De Uma Professora De Matemática Inserida No Contexto Da Educação No Campo	30

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Maninterrupting A Prática De Interromper Mulheres Antes De Terminar A Fala.	32
Precisamos Falar Sobre O Machismo: Abordagem Por Meio Do Filme Temple Grandin ...	33
Violência De Gênero: Relatos De Acadêmicas/os Do Curso De Agronomia Em Cáceres/mt	34

Organização

Coordenador(es) do Comitê de Programa

GIULIANNA ZILOCCHI MIGUEL

Coordenador(es) Adjunto(s) do Comitê de Programa

ALEX DA SILVA

LUCIANA MELHORANCA MOREIRA AÑEZ

LUCIENE NEVES SANTOS

VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA

Revisores Gerais

GIULIANNA ZILOCCHI MIGUEL

Revisores

ADRIANA NOLIBOS BACCIN

ALEX DA SILVA

LUCIANA MELHORANCA MOREIRA AÑEZ

LUCIENE NEVES SANTOS

TAMIRES CRISTINA DE SOUZA DALLA VECCHIA

VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA

Comitê de Programa

ADRIANA NOLIBOS BACCIN

ANDERLUCI DOS SANTOS ZANETTI

CAMILLE FERREIRA CHAVES

DANIELLY XAVIER DIAS

GIULIANNA ZILOCCHI MIGUEL

JOYCE WANDELA VIANA RIBEIRO

LUCIANA MELHORANCA MOREIRA AÑEZ

LUCIENE NEVES SANTOS

MARIZELY DA SILVA BERNARDO

RAQUEL MENDES DOS SANTOS

VICTOR HENRIQUE PRADO CRUVINEL

VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Autor (a): Sofia Lara Luz/ sofialara.luz99@gmail.com

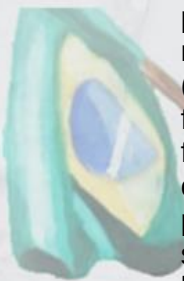
Coautor (a): Joaquim Pedro dos Reis Cadidé/joaquim21.reis@outlook.com

Coautor (a): Maria Luiza Silva/malusilva7648@gmail.com

Coautor (a): Murilo de Paula Almeida/ muriloalms@icloud.com

Coautor (a): Higor Lopes Andrade/andrade.higorlopes@gmail.com

RESUMO



O conceito de desigualdade remete a ausência de proporções, e pode se manifestar de diversas maneiras, principalmente no âmbito social no qual assume formas como desigualdade econômica, escolar, profissional, de gênero, entre outros. Enquanto objetivo norteador, este trabalho visa compreender o porquê há desigualdade no espaço de trabalho, quais são as evidências e os reflexos dessa desvalorização do trabalho feminino ao longo dos anos no Brasil. A desigualdade de gênero no mercado trabalhista brasileiro ainda é muito expressiva. De acordo com Leme e Wajnman (2000), cerca de 5% da desigualdade total no Brasil é a de gênero e que esse diferencial de rendimento entre homens e mulheres é apenas um dos aspectos da distribuição de renda do país. Entretanto, esse fator é um ponto importante a ser analisado, uma vez que representa a reflexão do contexto histórico nacional em consonância com o presente e futuro da sociedade. Segundo dados do IBGE (2018), as mulheres ganham cerca de 20,5% a menos que os homens exercendo a mesma função, uma realidade na qual a discriminação contra a mulher é a principal causa desse fenômeno, o que afeta diretamente na oferta de mulheres no mercado de trabalho e compromete o seu papel de provedora de renda familiar mesmo possuindo capacidade e produtividade igual ou superior a de um homem. Mesmo com o decorrer do tempo, a sociedade brasileira ainda possui altos níveis de desigualdade entre homens e mulheres, bem como todos os outros sujeitos que podem ser considerados inferiores pela sociedade.

Palavras-chave: Desigualdade. Gênero. Mercado de Trabalho

Realização:

A DESVALORIZAÇÃO DA PROFISSIONAL DOCENTE EM RELAÇÃO À GÊNERO**Autor (a):** Rayane Peres Pavone/rayane.peres@unemat.br**Coautor (a):** Emanoeli Geretti de Souza/emanoeli.geretti@unemat.br**RESUMO**

A introdução da mulher no âmbito educacional se iniciou no Brasil Colônia onde a educação feminina era voltada à esfera doméstica tendo o sujeito homem como o dominador, e no que diz respeito à docência feminina, ela nasceu no final do século XIX, a partir de 1860 quando as mulheres assumiram a função de professoras.

Partindo do exposto, essa pesquisa tem como objetivo geral apresentar discussões e reflexões acerca da desvalorização da profissional docente ao longo dos anos diante de uma sociedade machista e patriarcal. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos uma metodologia a partir da pesquisa bibliográfica com embasamentos em autores que tratam sobre a problemática, através de artigos e livros.

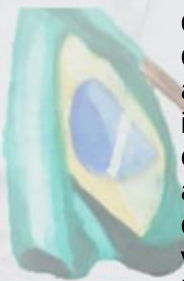
À vista disso, trazemos a discussão no que tange o gênero feminino, que é e sempre foi, marginalizado, nos aspectos econômicos, culturais, político e social. O mercado de trabalho sempre foi voltado ao sexo masculino e na profissão docente, foi construída uma visão de que as mulheres, por serem sensíveis, carinhosas e delicadas, forneceriam um papel de proteção para as crianças, levando cuidados maternos para a sala pois, esse era um espaço visto como uma extensão do lar e de cuidados, e não de produção de conhecimentos, consequentemente, se inicia o que chamamos hoje de feminização do magistério.

Reconhecer os avanços que as mulheres, especialmente as professoras, desde a antiguidade vêm construindo, é dar total relevância às suas lutas e gradativamente conquistar os espaços que não devem ser destinados apenas pela ordem moral masculina que ao longo da história foi impulsionada. Lutas como a de Simone de Beauvoir, Bertha Lutz e as dezenas de mulheres mortas nas fábricas dos EUA, devem ser proclamadas transversalmente para que os avanços dos direitos das mulheres, ainda não totalmente destinados, possam ser conquistados.

Fica evidente portanto, toda a importância das trajetórias das mulheres, todos os estudos e lutas travadas nas trincheiras da sociedade para que hoje tenhamos emancipação social, políticas e acesso à educação, e é de suma relevância que essa discussão possa ser estendida em outras esferas da vida para que possamos progredir socialmente, pois apesar de muitas conquistas, permanecemos em uma sociedade preconceituosa na qual a diferença exacerbada dos homens para as mulheres nas condições de emprego e seus posicionamentos sociais são subalternizados ainda e legitimados por uma sociedade conectada à discursos de ódio, misoginia e opressão.

Palavras-Chave: Desvalorização profissional. Desigualdades de gênero. Educação.

Realização:

ASSÉDIO E OPRESSÃO: NÃO SE CALE!**Autora:** Marizely da Silva Bernardo/marizely.bernardo@unemat.br**Coautora:** Danielly Xavier Dias/daniellyxavier99@gmail.com**Coautora:** Camille Ferreira Chaves/camillichaves1@gmail.com**Coautora:** Joyce Wandela Viana Ribeiro/wandela.joyce@unemat.br**Coautora:** Julianna Zilocchi Miguel/julianna@unemat.br**Coautora:** Luciene Neves Santos/luciane@unemat.br**RESUMO**

As rodas de conversas, mesas redondas e palestras foram atividades desenvolvidas no decorrer do projeto “Gênero na universidade: as violências de gênero no espaço universitário do Curso de Bacharelado em Agronomia”, como atividades elucidativas e educativas para a comunidade acadêmica e comunidade externa. Em 2022, foi promovido um evento na Universidade do Estado de Mato Grosso, denominado “Desconstruindo preconceitos: igualdade de gênero”, que teve como objetivo promover a (des)construção de diálogos com discentes, docentes, técnicos e comunidade externa sobre violência de gênero. Em uma das rodas ocorreu um diálogo entre os participantes sobre machismo, disputa no mercado de trabalho e relações de gênero, reforçando a desigualdade existentes entre homens e mulheres, tais como a divisão sexual, sexualidade, reprodução, desigualdade salarial, etc. Foram relatados casos que já aconteceram dentro do ambiente acadêmico com envolvimento não apenas de alunos/as, mas também, professores. Também se tratou sobre as leis de amparo que são notoriamente falhas dentro e fora da instituição e muito pouco aplicáveis, isso devido as dificuldades enfrentadas no momento da denúncia, onde a ameaça e opressão por diversas vezes acaba sendo fator limitante, ou seja, o medo da exposição e do julgamento acaba deixando as vítimas com um bloqueio. Dentro da universidade os/as alunos/as identificaram e denunciaram momentos de abuso de poder cometido por professor que utilizou comentários inapropriados e convidou uma das alunas por meio de WhatsApp para frequentar a aula à campo usando biquíni, além de outras insinuações machistas. Esse fato permeava os burburinhos dos corredores institucionais até que o “print” do assédio mencionado foi vazado em um dos grupos da Universidade, o que resultou na defesa do acusado por alguns homens, sugerindo que o ocorrido era apenas uma brincadeira fazendo com que as vítimas se sentissem oprimidas e intimidadas. Os/as acadêmicos/as ficam detidos de realizar suas denúncias, por medo de serem prejudicados nas disciplinas que cursam. Na visão das pessoas que participaram dessa atividade ficou evidente que medidas precisam ser tomadas para solucionar tais situações. Palestras, rodas de conversas com abertura de todos/as para a fala apresentou ser uma forma de denunciar e dar voz a esse assunto tão delicado e silenciado.

Palavras-chave: gênero, universidade e ameaça.

Realização:

**HIPÁTIA DE ALEXANDRIA: CONTRIBUIÇÕES DA PRIMEIRA MULHER MATEMÁTICA
DA HISTÓRIA****Autor (a):** Elisangela Alves Rodrigues dos Santos/ elisangela.alves1@unemat.br**Coautor (a):** Nelli Biasutti de Almeida/ nelly.biasutti.almei@unemat.br**Coautor (a):** Marcia Cristina Dal Toé/ marciadaltoe@unemat.br**Coautor (a):** Alex da Silva/ s.alex@unemat.br**RESUMO**

Este trabalho é derivado de uma proposta, ainda em andamento, dentro das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres que visa investigar a contribuição das mulheres no contexto da matemática e do seu ensino. Hipátia foi filósofa, astrônoma e matemática. Possuía conhecimentos de poesia, artes, oratória e retórica. Com conhecimentos de mecânica criou ou ajudou na invenção e aperfeiçoamento de instrumentos como hidrômetro, o astrolábio e o planisfério. Hipátia nasceu entre 350 e 370 d.C., em Alexandria, filha de pai matemático. Foi professora e depois também diretora da mesma escola do pai, trabalhando apenas com homens (que tinham o direito a estudar). Ela ainda aconselhava os políticos locais entre eles o político de Alexandria no Egito, Orestes. Recebia muitas cartas pedindo solução de problemas de álgebra que ninguém mais conseguia resolver. Trabalhou com equações quadráticas do 2º grau e escreveu obras sobre aritmética e geometria. Hipátia fez figuras geométricas que se formavam quando um plano passava por um cone. Nisso ela facilitou muito a compreensão do assunto e o entendimento sobre as cônicas. Ela chegou à conclusão de que a órbita da terra em torno do sol era elíptica e não circular como defendia alguns estudiosos da época. Ela concluiu isso observando as estações do ano. Como defendia valores intelectuais que afirmavam que o universo era regido por leis matemáticas, ela foi considerada como herege. Com a expansão do cristianismo e a implantação desta como religião oficial, houve uma perseguição às heresias, sendo o bispo Cirilo de Alexandria o responsável por combatê-las. Hipátia foi considerada pagã, não aceitou se converter ao cristianismo e ainda era amiga de Orestes, adversário político de Cirilo. Ela, então, virou alvo da intolerância dos cristãos, apesar de conviver bem e de ensinar as pessoas de todas as crenças. Quando os conflitos entre os homens públicos da cidade se encontravam num momento mais crítico, Hipátia foi morta com crueldade. Segundo registros históricos ela foi apedrejada, arrastada pelas ruas da cidade e queimada juntamente com suas obras. Evidencia-se as grandes contribuições de Hipátia a matemática e seu legado que permanece na história e dos desafios para a época, de uma mulher ter essa representatividade, justo em um momento em que os homens eram responsáveis por todos os espaços de poder.

Palavras-chave: Hipátia de Alexandria; Mulheres na Matemática; Representatividade.**Referências Bibliográficas**

NEGREIROS, C. L.; SOUZA, C. S.; PAULA, R. R. De Hipátia à Mirzakhani: um percurso pela habilidade feminina para a matemática. In: XII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2012, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: PPG Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Cruzeiro do Sul, 2012, p. 1-8.

Realização:

SILVA, L. P. **Mulheres na Matemática:** a produção do conhecimento matemático além das fronteiras de gênero. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Realização:

**MARIA LAURA MOUZINHO LEITE LOPES: A PRIMEIRA MULHER DOUTORA EM
MATEMÁTICA DO BRASIL****Autor (a):** Ludmila Marangon Gomes/ ludmila.marangon@unemat.br**Coautor (a):** Anny Andressa Barros da Silva/ anny.andressa@unemat.br**Coautor (a):** Marcia Cristina Dal Toé/ marciadaltoe@unemat.br**Coautor (a):** Alex da Silva/ s.alex@unemat.br**RESUMO**

Este trabalho visa investigar a contribuição das mulheres no contexto da matemática e seu ensino. Proposta esta, ligada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres. Maria Laura Mouzinho Leite Lopes nasceu em janeiro de 1917 em Timbaúba/PE. Concluiu o Ensino Fundamental I (1931) em Recife. Frequentou a Escola Normal de Pernambuco de 1932 a 1934. Sua vocação em Matemática, de acordo com ela, foi ter tido aulas com o professor Luiz Freire. Em 1935, mudou-se com sua família para a cidade do Rio de Janeiro e, ingressou no Instituto Lafayete. Se mudou para Petrópolis em 1936 e se tornou aluna do Colégio Sion. Concluiu o Bacharelado (1941) e Licenciatura (1942) em Matemática pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), onde começou a lecionar em 1943. Atuou como professora do Instituto de Matemática da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. De 1943 a 1948, se dedicou ao trabalho de livre docência “Espaços Projetivos — reticulado de seus subespaços”, orientado pelo professor Antônio Monteiro. Em 1949 obteve o título de Doutora em Ciências - Matemática, tornando-se a primeira mulher a doutorar em Matemática no Brasil. Atuou no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), em 1949 e, ainda nesse ano, foi a primeira mulher a ministrar aulas de Geometria no curso de Engenharia, no recém-formado Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); foi a primeira mulher a ser membro titular na Academia Brasileira de Ciência (ABC); foi uma das responsáveis por propor a construção CNPq, e em 1952, a criação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Em 1969 sua carreira foi interrompida pela ditadura, e foi exilada para os EUA. Na sua volta ao Brasil em 1974, seus focos principais de estudo foram a formação de professores, ao ensino e a aprendizagem de matemática em todas as etapas do ensino, baseando-se numa educação inovadora. Participou, em 1976, da criação do “GEPEM: Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática”. Em 1980, Maria Laura é reiterada ao Instituto de Matemática da UFRJ e em 1983, é implantado o Projeto Fundação, sob sua coordenação. Em 1996, recebeu o título de Professora Emérita da UFRJ. Destaca-se o grande papel: ser uma mulher, professora e pesquisadora na área de ensino de matemática e por ser pioneira no Brasil na área. Papel este, responsável por abrir espaços à muitas outras mulheres que se interessam pela matemática e o seu ensino.

Palavras-chave: Maria Laura Mouzinho Leite Lopes; Ensino de Matemática; Mulheres na Matemática.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. H.; OLIVEIRA, R. R. Maria Laura Mouzinho Leite Lopes: uma matemática feminina brasileira na História da Matemática. In: 17º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010, p. 1-9.

PEREIRA, P. C. **A Educadora Maria Laura:** contribuições para a constituição da Educação

Realização:

Matemática no Brasil. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEGADAS, C.; NASSER, L.; TINOCO, L. A. A. Um tributo à professora Maria Laura (1919 – 2013). **Boletim GEPEM**, Rio de Janeiro, n. 62, p. 17-27, jan./jul. 2013.



Realização:

MULHERES, GÊNERO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Autor (a): Nathalia do Prado Casagrande Bezerra/ nathalia.bezerra@unemat.br

Coautor (a): Bruna Pires Neves/ bruna.pires1@unemat.br

Coautor (a): Hiago Luiz da Silva/ hiago.silva@unemat.br

Coautor (a): Kaio de Lima Gomes/ kaio.lima@unemat.br

Coautor (a): Jozivaldo Alves Martins/ professorjozivaldoalves@gmail.com

Coautor (a): Alex da Silva/ s.alex@unemat.br

RESUMO

Este trabalho é derivado de um estudo que está em desenvolvimento no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Matemática da UNEMAT – Campus Cáceres/MT. O estudo tem como objetivo, a investigação das contribuições das mulheres nos avanços, descobertas e estudos em Educação Matemática. Através de estudos sobre pesquisas e pressupostos teóricos envolvendo relações de gênero e Educação Matemática que esse trabalho também se desenvolve. A questão de gênero tem sido amplamente discutida no contexto da Educação Matemática, especialmente em relação às mulheres. Historicamente, a matemática tem sido uma área dominada por homens e isso pode ter levado a estereótipos de gênero que desencorajam as mulheres de se envolverem com a disciplina. Estudos mostram que meninas têm desempenho semelhantes aos meninos em matemática, mas a medida em que chegam na adolescência algumas disparidades começam a aparecer. Muitas vezes, as meninas têm menos confiança em suas habilidades matemáticas e podem sentir que a matemática não é para elas e na posição em carreiras ligadas à matemática, a tecnologia e a engenharia, estas são sub-representadas. Para abordar essas questões na escola, é importante por parte do professor que ele crie um ambiente onde as mulheres se envolvam com a matemática e desenvolvam suas habilidades. Isso pode envolver a representação de mulheres com papéis de destaque em matemática, promovendo a diversidade de perspectivas e abordagens na disciplina. Uma delas foi Hipátia de Alexandria (360 – 415 d.C.), que possuía conhecimento em aritmética, medicina, filosofia e astronomia. É necessário que elas tenham seu devido reconhecimento como forma de incentivo e desmitificação do papel da mulher na matemática e nas ciências exatas como um todo. Outro aspecto importante é discutir sobre estereótipos de gênero na Educação Matemática e evitar reforçá-los. Todos precisam ser apoiados e encorajados a desenvolver suas habilidades matemática independentes de seu gênero.

Palavras-chave: Gênero; Mulheres na Matemática; Educação Matemática.

Referências Bibliográficas

MARQUES, E. L. G.; PINHEIRO, J. M. L. Lugar de mulher é... também na matemática: compreensões a partir da perspectiva da Educação Matemática Crítica. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 558-590, 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. Conceito de gênero e educação matemática. **Bolema**, Rio Claro, ano 22, n. 32, p. 29-45, 2009.

Realização:

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Realização:

A CONSTITUIÇÃO DE TERREIROS DE CANDOMBLÉ ATRAVÉS DA RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL COLONIAL

Autor (a): Luiz Felipe Rodrigues da Silva/luiz.felipe3@unemat.br

Coautor (a): Jocineide Macedo Karim/jocineide.karim1@unemat.br

RESUMO

Essa pesquisa tem por finalidade investigar a presença e dominância de mulheres em cargos de maior prestígio nos terreiros de candomblé, desde seus primeiros registros em Salvador – BA, no século XVIII. A investigação bibliográfica aponta para uma ascendência matriarcal nesse espaço religioso. Em estudo de (CASTRO, 1981), sobre a fundação dos terreiros, destaca-se como as primeiras casas de candomblé: o *Engenho Velho*, *Ilê Opo Ofunjá* e *Gantois*, existentes até hoje em Salvador, fundadas por mulheres, sendo o *Engenho Velho* o precursor, fundado por três africanas da costa (Iá Adeta, Iá Kala e Iá Nassô), demarcam um espaço estritamente feminino, em que os cultos, inicialmente, restringiam a participação de homens, sendo as mulheres as capazes de fazer conexão com voduns, orixás e inquices, divindades máximas cultuadas nas religiões de matriz africana. Em estudos mais recentes, como de (FERRETTI, 2007), é observada uma participação mais integrada dos homens, principalmente de *Edes* (homossexuais masculinos), mas a participação, ainda, é majoritariamente feminina, inclusive, nas casas mais tradicionais. Estes estudos demonstram que as religiões de matriz africana seguem na contemporaneidade mantendo o poder feminino, diferente de outras religiões, no contexto social brasileiro. A importância histórica da mulher, nos candomblés, está marcada na constituição da religião e, por mais que em tempos atuais seja possível encontrar terreiros com liderança masculina, foram as mulheres as responsáveis por instituir o que hoje conhecemos como candomblé, destoando de outras religiões, principalmente cristãs, que mantêm suas estruturas pautadas no sistema patriarcal e colonial, sendo as mães de santo as porta-vozes de sua comunidade. O que se estreita, nas conclusões desta pesquisa, é que se os candomblés se encontram, hoje, enquanto lugar de resistência da cultura afro-brasileira, por séculos, esse espaço é alicerçado, primariamente, pela resistência feminina negra, que se deu no período escravagista do Brasil colonial, sendo as mulheres as protagonistas de um dos principais pontos da resistência negra no Brasil.

PALAVRAS CHAVES: Mulher; Matriarcado; Religião; Candomblé.

**VOZES INDÍGENAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: PODCAST SOBRE A HISTÓRIA DA
CHIKUITANA, MARIA ISABEL VELASCO**

Autora: Marcia Conceição Peres

Autora: Marli Auxiliadora De Almeida

RESUMO

A cidade de Cáceres, MT, com recente passado colonial, teve o seu povoamento composto por indígenas Chiquitanos e demais grupos étnicos, que contribuíram para a conquista portuguesa no oeste da Capitania de Mato grosso. Nessa disputa, ocasionou a dispersão do povo Chiquitano, habitantes originários da parte da América dominada pela Espanha hoje a Bolívia. Dentre estes, os Chiquitanos da família Velasco. Nosso objetivo é apresentar um podcast sobre a história da chiquitana Maria Isabel Velasco. No ensino de História Indígena na Educação Básica, conforme a existência da lei 11.645/08. Na produção do podcast, fizemos leitura e análise de autores de ensino de história e história Indígena, em conexão a metodologia da história oral, pois ouvimos os familiares da indígena Maria Isabel Velasco. O resultado da pesquisa foi positivo, pois constatamos a existência de remanescentes Chiquitanos na cidade de Cáceres, que podem contribuir para ressignificar a história local. Concluimos que a participação do povo Chiquitano para a formação de Cáceres pode e deve fazer parte dos conteúdos escolar.



**MARYAM MIRZAKHANI: UMA IRANIANA QUE MUDOU O CONTEXTO DA
MATEMÁTICA MUNDIAL****Autor (a):** Mariana de Souza Silva/ mariana.souza1@unemat.br**Coautor (a):** Adrienny Eneid de Oliveira Marques/ adrienny.eneid@unemat.br**Coautor (a):** João Vitor Coelho da Silva/ joao.vitor18@unemat.br**Coautor (a):** Heliton Ferreira Ortiz/ helitonortiz@unemat.br**Coautor (a):** Jozivaldo Alves Martins/ professoriozivaldoalves@gmail.com**Coautor (a):** Marcia Cristina Dal Toé/ marciadaltoe@unemat.br**RESUMO**

Este trabalho foi uma proposta nascida das discussões desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID do curso de Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres e tem como objetivo mostrar a trajetória da renomada matemática Maryam Mirzakhani, reconhecida mundialmente por ser a primeira mulher a receber a medalha Fields. Maryam Mirzakhani nasceu em Teerã capital do Irã, em 12 de maio de 1977 e faleceu na Califórnia, em 14 de julho de 2017. Maryam foi uma matemática iraniana-americana e professora da Universidade Stanford. Seus tópicos de pesquisa incluíam Teoria de Teichmüller, geometria hiperbólica, teoria ergódica e geometria simplética. Tornou-se conhecida por seus trabalhos em topologia e geometria da superfície de Riemann. Em 13 de agosto de 2014 Mirzakhani tornou-se a primeira pessoa nascida no Irã e a primeira mulher da história a receber a medalha Fields. O comitê do prêmio citou seu trabalho sobre "a dinâmica e a geometria de superfícies de Riemann e seus espaços de módulo". O prêmio foi entregue em Seul, no Congresso Internacional dos Matemáticos daquele ano. Maryam estudou no Liceu Farzanegan, ligado à Organização Nacional para o Desenvolvimento de Talentos Excepcionais. Em 1994, em Hong Kong, (aos 17 anos) Mirzakhani ganhou uma medalha de ouro na Olimpíada Internacional de Matemática, tornando-se a primeira mulher iraniana a receber o prêmio. Na edição da competição de 1995 (quando ganhou novamente uma medalha de ouro), sagrou-se como a primeira pessoa nascida no Irã a receber uma nota perfeita e a ganhar duas medalhas de ouro. Em 1999, com 22 anos ela obteve um bacharelado em matemática na Universidade Tecnológica de Sharif, em Teerã. Tornou-se doutora pela Universidade de Harvard (2004). Aos 31 anos, Mirzakhani tornou-se professora de matemática da Universidade Stanford. Infelizmente, Maryam Mirzakhani veio a falecer em 2017 devido ao câncer de mama. Deixando um exemplo de que independente de seu gênero, religião ou raça, talento e inteligência não podem ser desperdiçados. Sua contribuição para a matemática e seu impacto na comunidade acadêmica permanece viva e inspiram muitos estudantes e pesquisadores em todo o mundo.

Palavras-chave: Maryam Mirzakhani; Matemática; Habilidades femininas.**Referências Bibliográficas**

NEGREIROS, C. L.; SOUZA, C. S.; PAULA, R. R. De Hipátia à Mirzakhani: um percurso pela habilidade feminina para a matemática. In: XII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2012, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: PPG Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Cruzeiro do Sul, 2012, p. 1-8.

Realização:

SILVA, L. P. **Mulheres na Matemática:** a produção do conhecimento matemático além das fronteiras de gênero. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Realização:

**MULHERES CIS LÉSBICAS E SUAS VIVÊNCIAS DO ESPAÇO DA CASA, EM
CÁCERES - MT, NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ENTRE O CÉU E O
INFERNO****Autora:** Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia – tamires.cristina@unemat.br**Orientador:** Evaldo Ferreira – evaldoferreira@unemat.br**RESUMO**

Este presente trabalho, tem como fio condutor compreender como as mulheres cis lésbicas vivenciam o espaço da casa, em Cáceres-MT, na sociedade contemporânea e, por objetivos específicos, investigar como as mulheres lésbicas cis representam suas trajetórias de identificação sexual, analisar de que forma o espaço compõe as trajetórias de identificação das sexualidades lésbicas em Cáceres – MT e, por fim, entender como a casa é significada de múltiplas formas pelos diferentes grupos de mulheres cis lésbicas. Para atingir todos os objetivos, optou-se por aplicar dois métodos para a coleta de dados, sendo eles um questionário criado a partir do Google Forms, onde será exposto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde serão elencados os riscos e benefícios de participar da entrevista, logo após a participante deverá responder se aceita ou não participar da pesquisa; caso a resposta for negativa o sujeito será encaminhado para o final do formulário e não precisará responder nenhuma das questões colocadas. E uma entrevista, que será feita online por meio das plataformas de reunião que o entrevistado preferir, seguindo com perguntas semiestruturadas. Como método para a realização do questionário será usada a bola de neve ou snowball pois os números das amostras não são fixos, logo a pesquisa é não probabilística, pois não existe nenhuma pesquisa no município de Cáceres que tabula uma estimativa de quantas mulheres lésbicas residem na cidade. Espera-se então, com esta pesquisa construir a visibilidade das experiências espaciais das mulheres lésbicas cis, evidenciando as suas geografias específicas para que elas sejam contempladas na ciência geográfica, evidenciar que o espaço não é um produto dado e acabado, mas ele é produzido de forma diferencial por diferentes grupos sociais, e por fim, criar a visibilidade da escala da casa como importante para os estudos geográficos, já que a casa constitui uma espacialidade importante da existência humana.

Palavras-chave: Geografias Feministas. Interseccionalidade. Espaço da Casa

Realização:

**VOZES INDÍGENAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: PODCAST SOBRE A HISTÓRIA DA
CHIKUITANA, MARIA ISABEL VELASCO**

Autora: Marcia Conceição Peres

Autora: Marli Auxiliadora De Almeida

RESUMO

A cidade de Cáceres, MT, com recente passado colonial, teve o seu povoamento composto por indígenas Chiquitanos e demais grupos étnicos, que contribuíram para a conquista portuguesa no oeste da Capitania de Mato grosso. Nessa disputa, ocasionou a dispersão do povo Chiquitano, habitantes originários da parte da América dominada pela Espanha hoje a Bolívia. Dentre estes, os Chiquitanos da família Velasco. Nosso objetivo é apresentar um podcast sobre a história da chiquitana Maria Isabel Velasco. No ensino de História Indígena na Educação Básica, conforme a existência da lei 11.645/08. Na produção do podcast, fizemos leitura e análise de autores de ensino de história e história Indígena, em conexão a metodologia da história oral, pois ouvimos os familiares da indígena Maria Isabel Velasco. O resultado da pesquisa foi positivo, pois constatamos a existência de remanescentes Chiquitanos na cidade de Cáceres, que podem contribuir para ressignificar a história local. Concluimos que a participação do povo Chiquitano para a formação de Cáceres pode e deve fazer parte dos conteúdos escolar.



Realização:

ELAS EM CENA: AS DANÇAS URBANAS NO CONTEXTO CACERENSE

Autor: Silmar do Nascimento Nunes

RESUMO

Release: elas em cena: as danças urbanas no contexto cacerense é um documentário idealizado e produzido por Amanda Barbosa de Arruda e Silmar do Nascimento Nunes e tem como objetivo valorizar e compartilhar a vivência de 6 mulheres que atuaram dentro de 3 grupos de hip-hop na cidade de Cáceres, como também trás um breve relato sobre a história de cada grupo contada pelos fundadores do mesmo. O documentário promete uma narrativa inédita cheia de emoção, dança e revelações.

Palavras-chave: Hip Hop; Mulheres; Documentário



Realização:

PAMELA COLMAN SMITH: UM PANORAMA BIOGRÁFICO

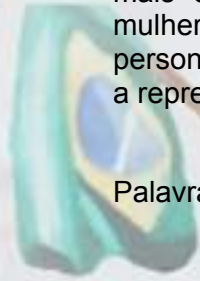
Autor: Hélio Ribeiro de Abreu Júnior; ribeiro.helio@unemat.br

Coautora: Josiane Magalhães; josimag@unemat.br

RESUMO

A proposta deste texto é apresentar um panorama biográfico de Pamela Colman Smith, uma artista, ilustradora e ativista dos direitos das mulheres. Tendo como base a revisão de um conjunto bibliográfico, destacam-se sua atuação política no movimento sufragista inglês no início do século XX, bem como o processo de supressão deliberada praticado contra ela, negando seu espaço enquanto ícone histórico diretamente responsável por um impacto transcultural resultante do mais célebre de seus trabalhos artísticos, as 78 ilustrações que compõem a versão mais popular do Tarot. Este que é um sistema de construção dinâmica de narrativas, que, para além da comum relação com paradigmas místicos de realidade, revela-se como uma complexa ferramenta capaz de contribuir em processos contemplativos de exploração psicológica. Este trabalho específico de Pamela Smith foi massivamente reproduzido, tanto como cópias diretas, quanto como inspiração no estilo, na disposição e nas formas dos elementos de representação simbólica empregados por Pamela na composição de seus cenários. Assim, observa-se que a prática sistemática do ocultamento de figuras femininas, que vem sendo evidenciada graças aos esforços de certas produções historiográficas recentes, se reproduz nos discursos construídos por sujeitos atuantes nas mais diversas dimensões da sociedade, especialmente quanto às influências ativas de mulheres nos movimentos políticos e culturais. Portanto, ao trazer os nomes e feitos de personalidades como as de Pamela Colman Smith aos holofotes, pretende-se contribuir com a representatividade social feminina.

Palavras-chave: arte, cultura, representatividade



Realização:

A evolução do direito feminino na legislação brasileira: relações entre o Direito e a História**Autor (a):** Josiane Magalhães/josimag@unemat.br**Coautor (a):** Helio Ribeiro de Abreu Junior**RESUMO**

Este estudo se deu sob a pergunta: como se deu a evolução das garantias para as mulheres presentes nas constituições e nas leis brasileiras escritas pelos legisladores? Assim, se desenvolveu buscando na legislação do Brasil, a partir de suas várias constituições, desde que se constituiu como Estado independente em 1822, passando pelo texto das várias constituições brasileiras, e da proposição do Código Civil de 1916, que regeu a maior parte do período da República Brasileira, chegando ao texto do Código Civil de 2002. Observa-se que a cada nova constituição tivemos uma nova configuração do Estado brasileiro e o reconhecimento em seus diferentes textos de garantias de direitos distintos ao longo do percurso histórico. No tocante a suas leis ordinárias, após vários estudos realizados pelos legisladores da época, e a consolidação das leis civis, tivemos em 1899 a apresentação do projeto que levou dezesseis anos a fim de que se transformasse no Código Civil brasileiro de 1916. Este foi substituído somente em 2002, com um texto conhecido como Novo Código Civil. Foi em 2002, que se pode verificar um avanço na relação de gênero. Objetivos: Este trabalho se propôs a analisar sob a luz das teorias do direito, dos textos históricos e das leis, a evolução da legislação brasileira ao longo do tempo e a constituição de garantias de direitos às mulheres enquanto resposta as pressões geradas pelo movimento feminista. Metodologia: O estudo de cunho bibliográfico, realizou um levantamento e análise das leis que expressam em sua letra as garantias conferidas às mulheres na história brasileira. Subsidiariamente, a fim de estabelecer um diálogo com a história social que constituiu a necessidade de escrita dessas garantias, buscou-se as referências históricas, relacionadas à temática, textos teóricos de fundamentação do Direito, textos da legislação constituída no país ao longo do tempo e um levantamento de números consolidados oficiais atuais acerca da violência contra mulheres. Conclui-se que as normas jurídicas prescindem de atores sociais que façam jus às regras constituídas no exercício e manutenção dos direitos alcançados. O estudo demonstrou a necessidade de um olhar sobre a cultura que mantém a cultura patriarcal concretamente e cujos elementos da dominação dos homens sobre as mulheres se manifestam e explicam a manutenção dos índices de violência doméstica e feminicídios.

Palavras-chave: Brasil, leis, garantias de gênero, movimento feminista.

Realização:

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA**Autor (a):** Aline Silva de Assis/aline.assis@unemat.br**Coautor (a):** Adriana Soares Beserra Capoano/adriana.capoano@unemat.br**Coautor (a):** Anny Caroline Figueredo Ferreira da Silva/anny16carol@gmail.com**Coautor (a):** Maylon Douglas Pereira da Silva/dmaylon661@gmail.com**Coautor (a):** Rebeca da Silva Caxias/berecacaxias@gmail.com**Coautor (a):** Renata de Campos Silva/renatacaceresmt2@gmail.com**RESUMO**

Ainda hoje, as mulheres enfrentam muitos desafios para ocupar várias esferas de poder, ser eleitas e ter voz ativa nas decisões políticas. Nesse sentido, a não ocupação desses espaços deixa as mulheres à margem do processo de formulação de políticas públicas, de modo a potencializar o enfraquecimento da democracia, portando, ressalta-se a importância da participação feminina no campo da política como forma de afirmação de direitos, cidadania, acesso a bens e conquista de políticas públicas que atendam necessidades específicas deste grupo que, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (2021), compõe cerca 51,8% da população brasileira. Dados divulgados pela Agência Senado em agosto de 2022, explicitam que a participação da mulher na política no Brasil, representam 52,65%, vale a pena informar que, segundo a mesma fonte, na década de 70 (séc. passado) as mulheres representavam cerca de 35% do eleitorado, tendo ultrapassado a marca de 50% no ano de 2006 (TSE, 2022). No entanto, pós-pleito eleitoral de 2022, como resultado das eleições para os cargos de deputado(a) estadual/federal, senador(a), governador(a) e para presidente ou presidenta do Brasil, apenas 17,28% das cadeiras no Senado Federal foram ocupadas por mulheres eleitas e apenas um total de 10% das cadeiras no Congresso Nacional foram ocupadas por mulheres eleitas no referido pleito, mesmo depois de mais de 20 anos de cota que determina um terço de candidaturas dos partidos destinadas às mulheres. Desse modo, no pleito de 2022 foram eleitas apenas 302 mulheres contra 1.394 homens para as Assembleias Legislativas, Governos, Câmara dos Deputados e Senado. A análise estatística dos dados mais recentes sobre a participação feminina em diversas esferas dos entes federados (municipal, estadual, federal) mostra que embora as mulheres constituam a maioria da população no Brasil, ainda são subestimadas nos espaços políticos e de poder, e portanto nos leva a refletir a seguinte questão: Por que a participação de mulheres na política brasileira ainda é inexpressiva mesmo com políticas que garante uma maior representatividade?

Palavras-chave: democracia, política e participação das mulheres

Realização:

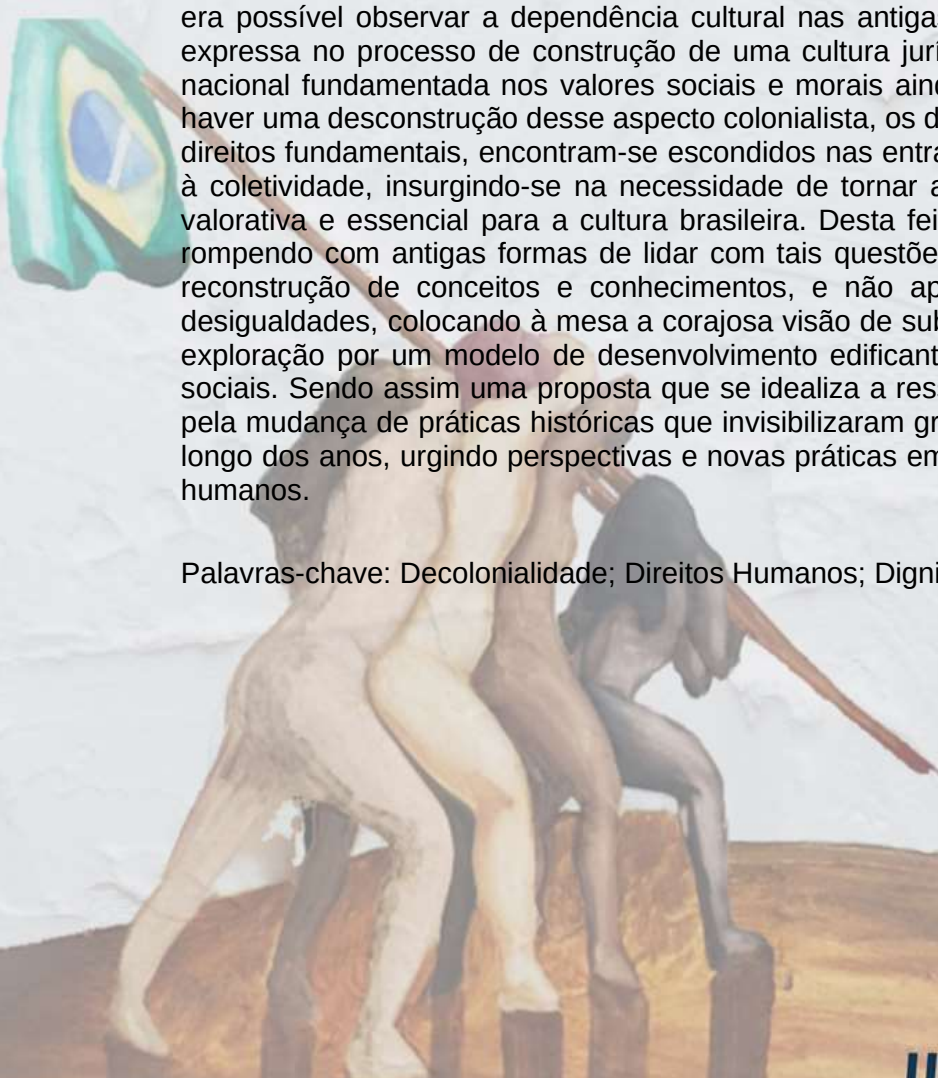
**A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NO DIREITO BRASILEIRO PELA
PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Elaine Bertoldi/elaine.bertoldi@unemat.br

Isabela de Souza Silva/isabela.souza@unemat.br

Vitória de Sousa Tavares/sousa.vitoria@unemat.br

Guilherme Ramos de Oliveira/guilherme.ramos@unemat.br

RESUMO

O presente estudo tem por escopo refletir sobre o reconhecimento de povos e culturas marginalizadas pelo direito brasileiro, que em detrimento do processo histórico de formação social, acarretou o silenciamento desses sujeitos. A partir da perspectiva de combate ao etnocentrismo, fortalecimento da diversidade cultural e valorização da cultura brasileira, a pesquisa terá abordagem qualitativa, de objetivo descritivo e procedimento pautado na revisão bibliográfica. Vez que historicamente, como reflexo da expressiva concepção eurocêntrica, carregada por Portugal no processo de colonização, os indivíduos na então colônia brasileira não identificavam valor em si. Ao passo que povos de diferentes etnias, mulheres, idosos e crianças eram reduzidos à condição de coisas. Destarte, a escravidão, a agressão às origens, a privação às necessidades básicas demonstrava pleno desrespeito com a vida humana. E ao final do século XVIII, com as revoluções burguesas, o iluminismo trouxe a reflexão da dignidade humana e a declaração dos direitos do homem. Ainda assim, a visão utilitarista do ser manteve-se impregnada na cultura brasileira, de modo que mesmo após a independência era possível observar a dependência cultural nas antigas raízes dominadoras. Tal fato se expressa no processo de construção de uma cultura jurídica voltada para uma identidade nacional fundamentada nos valores sociais e morais ainda do período colonial. Apesar de haver uma desconstrução desse aspecto colonialista, os diversos problemas na aplicação de direitos fundamentais, encontram-se escondidos nas entranhas do Brasil, da individualidade à coletividade, insurgindo-se na necessidade de tornar a dignidade humana uma questão valorativa e essencial para a cultura brasileira. Desta feita, a perspectiva decolonial surge rompendo com antigas formas de lidar com tais questões, apresentando uma proposta de reconstrução de conceitos e conhecimentos, e não apenas de convivência com essas desigualdades, colocando à mesa a corajosa visão de substituição do sistema capitalista de exploração por um modelo de desenvolvimento edificante para os diversos agrupamentos sociais. Sendo assim uma proposta que se idealiza a ressignificação intercultural, na busca pela mudança de práticas históricas que invisibilizaram grupos minoritários e vulneráveis ao longo dos anos, urgindo perspectivas e novas práticas em respeito à efetivação dos direitos humanos.

Palavras-chave: Decolonialidade; Direitos Humanos; Dignidade Humana.

Realização:

MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL: A IMPORTÂNCIA DO NPJ/UNEMAT NA GARANTIA DO ACESSO À JUSTIÇA NA CIDADE DE CÁCERES – MTAna Paula Barbosa: anabarbosa@unemat.brEvely Bocardi de Miranda: evely.bocardi@unemat.brVitória Eduarda Souza Silva: vitória.silva@unemat.br**RESUMO**

O Núcleo de Prática Jurídica da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus universitário Jane Vanini, cidade de Cáceres – MT, NPJ/UNEMAT-Cáceres, por meio de suas atividades de estágio supervisionado permite aos acadêmicos a aquisição de habilidades e aperfeiçoamento técnico, norteados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Direito. Tais práticas, são concretizadas por meio do atendimento assistido por professores orientadores e se constituem em alternativas às populações vulneráveis, em sua maioria mulheres, que muitas vezes se encontram desprovidas da assistência jurídica para a garantia e manutenção de seus direitos. O NPJ/UNEMAT-Cáceres em conformidade com a Agenda 2030, acordo do qual o Brasil é signatário, mantém suas ações e atenção orientadas para a prestação de assistência jurídica aos hipossuficientes (PPC, 2014). A Agenda 2030 possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 169 metas e 242 indicadores que deverão ser materializados no período que compreende os anos de 2016 a 2030, por meio de esforços coletivos para a promoção de um mundo mais justo (NAÇÕES UNIDAS, 2015). Quanto à Agenda 2030, seus objetivos e metas são de suma importância para a sociedade brasileira, quanto à reflexão sobre o papel de todos no enfrentamento das desigualdades no âmbito jurídico, oriundas da acumulação primitiva do capital e das desigualdades produzidas por ele. A questão central se dá em perceber como o Núcleo de Prática Jurídica da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Jane Vanini, cidade de Cáceres – MT, contribui com esse compromisso internacional assumido pelo Brasil, principalmente no que tange a ODS 16 que visa promover o Estado de Direito, em nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos, bem como meta 16.3, que institui a necessidade de fortalecer o Estado de Direito e garantir acesso à justiça a todos, especialmente aos que se encontram em situação de vulnerabilidade (NAÇÕES UNIDAS, 2015). Para perceber a contribuição do NPJ/UNEMAT-Cáceres no cumprimento do objetivo e da meta investigaremos e identificaremos os sujeitos assistidos pelo NPJ/UNEMAT-Cáceres, suas características socioeconômicas, bem como a classificação dos processos. Metodologicamente, esta pesquisa possui natureza quantitativa, usando procedimento documental e bibliográfico, que conjugados por métodos históricos e comparativos. Atualmente o NPJ/UNEMAT-Cáceres presta assistência jurídica aos hipossuficientes de Cáceres e região e mais de 50% dos atendimentos são para mulheres.

Palavras-chave: Cidadania, Direitos Fundamentais, Agenda 2030, ODS 16.

Realização:

**A MULHER E SUA POSIÇÃO NA SOCIEDADE: DA ANTIGUIDADE AOS DIAS ATUAIS:
PEQUENOS RELATOS DE MENINAS NO CONTEXTO DE ESCUTA EM SALA DE AULA****Autora:** Rita de Cássia Cruz Coelho ritadecassia@unemat.br**Coautora:** Maísa Pereira de Lourdes e2285798@edu.mt.gov.br**Coautora:** Maria Eduarda Norberto da Silva e1401457@edu.mt.gov.br**Coautora:** Keviny Neves da Silva e2295750@edu.mt.gov.br**Coautora:** Júlia Maria Almeida Duarte juliamariaalmeida0@gmail.com**Coautora:** Beatriz Ferraz Bühler beatriz.buhler@edu.mt.gov.br**RESUMO**

A sala de aula é um espaço de aprendizado, socialização, desenvolvimento e também de escuta. Em uma das inúmeras atividades desenvolvidas na ambiência escolar, no espaço da sala de aula, uma escuta foi provocada durante a aula do componente curricular de língua portuguesa na Escola Estadual Onze de Março, na atividade de “Seminários” orientada pela professora regente da disciplina. Os estudantes da turma, organizados em grupos, receberam textos diferentes da mesma temática: A mulher e sua posição na sociedade, abordando as nuances que estabelecem o padrão de mulher, desde a antiguidade até atualmente. Assim, iniciamos o trabalho seguindo o roteiro planejado pelo grupo para a apresentação, porém, durante o desenvolvimento, surgiram alguns relatos sobre as temáticas: violência, assédio. Essas temáticas suscitam muitos dizeres, diante disso, esse resumo apresenta relatos de alguns estudantes que usam seus locais de fala para trazer à narrativa, testemunhos. As falas são apresentadas apenas como “**relato nº x**” preservando a identidade dos estudantes. O **relato nº 1** foi sobre agressão, onde um aluno relatou como foi ter que lidar com as agressões feitas pelo seu padrasto à sua mãe e como ele se sentiu ao ter que ser seu protetor. Esse relato encorajou algumas estudantes a falar sobre si mesmas. Então, surgiu o **relato nº 2** sobre assédio; uma aluna se pronunciou, dizendo que já ajudou muitas meninas que sofreram assédio dentro de uma ambiência escolar; somando a essa fala, argumentamos sobre esse tema também em relacionamentos. Assim, outros relatos vieram à tona, como o **nº 3**, em que a estudante não conteve as lágrimas ao contar o quão traumatizante foi ser assediada dentro da sala de aula, por alguém do regime escolar no qual ela deveria ter confiança. A estudante ainda relatou que durante alguns meses buscou se manter invisível através dos olhos do seu assediador, mas, sem sucesso, não encontrou apoio na escola, apenas em sua família. Em meio a tanta emoção, seguiram-se os **relatos 4 e 5** em que duas alunas se pronunciaram dizendo serem vítimas de assédio por pessoas do contexto familiar. No fim da apresentação, o clima presente na sala, era de tristeza, revolta, indignação e dor em cada um ali presente, especialmente das mulheres, uma junção de vários sentimentos que resultou em lágrimas. Realizar esse trabalho foi libertador, falar sobre a história da mulher na sociedade, da sua evolução e de como nós, mulheres, estamos interligadas através das nossas vivências.

Palavras-chave: narrativas, mulher e espaço escolar.

CAMINHOS PERCORRIDOS POR UMA PROFESSORA ATUANTE NAS MÚLTIPLAS ETAPAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA**Autor (a):** Werlys Sandro Muquissai Jovio/ werlys.sandro@unemat.br**Coautor (a):** Gilmar Brito dos Santos/ gilmar.santos@unemat.br**Coautor (a):** Benedita Sirlei Torres Miranda/ sirlei.miranda@unemat.br**Coautor (a):** Miguelina Jocilene da Silva/ miguelina.jocilene@unemat.br**Coautor (a):** Polyana de Castro Costa/ polyana.andy@gmail.com**Coautor (a):** Marcia Cristina Dal Toé/ marciadaltoe@unemat.br**RESUMO**

Esse trabalho tem por objetivo abordar sobre a importância e atuação da mulher no contexto do Ensino de Matemática. Discussões estas, levantadas em atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID do curso de Matemática da UNEMAT – Campus Cáceres/MT. Nosso foco foi dedicado ao trabalho da professora Maria Stefani Rocha, mestra e professora aposentada do curso de Licenciatura em Matemática da UNEMAT. O estudo utilizou-se de abordagem qualitativa e os dados foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada, realizada pelos bolsistas do PIBID. A professora Maria, nasceu em 1953 no estado de São Paulo onde concluiu seu primário. Ainda na adolescência veio morar em Cáceres/MT, concluindo o ensino fundamental e médio no Colégio Estadual Onze de Março – CEOM. Mesmo antes de concluir o ensino médio, nunca se imaginou lecionando, mas isso mudou quando substituiu sua ex-professora de matemática Emília Darcy de Souza Cuiabano. Foi docente no CEOM, na Escola Estadual Senador Mário Motta e no Instituto de Ensino Superior de Cáceres – IESC, atual UNEMAT, possuindo também uma vasta experiência na Coordenação Pedagógica na Educação Básica. Em 2005 concluiu seu Mestrado em Educação, na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande/MS. Foram mais de trinta anos de exercício na Educação Básica e mais de vinte e sete anos de docência no Ensino Superior da UNEMAT. O tempo de trabalho no curso de Matemática foi marcado por seu trabalho profícuo nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado, sendo desenvolvidas muitas estratégias de trabalho, sendo a avaliação da aprendizagem em matemática um de seus principais focos de trabalho e a formação de professores críticos, humanos e conhecedores das realidades futuras que viriam a atuar. Sua trajetória nos faz refletir sobre o incentivo de inserção e permanência feminina no âmbito teórico e científico, em um ambiente historicamente masculino e sobre as multiplicidades de obstáculos que as mulheres possuem ao conciliar todos os aspectos de sua vida.

Palavras-chave: Trajetória docente; Maria Stefani Rocha; Ensino de Matemática.**Referências Bibliográficas**

MARQUES, E. L. G.; PINHEIRO, J. M. L. Lugar de mulher é... também na matemática: compreensões a partir da perspectiva da Educação Matemática Crítica. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 558-590, 2022.

SILVA, L. P. **Mulheres na Matemática:** a produção do conhecimento matemático além das fronteiras de gênero. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Realização:

MENINAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA COMO FUTURA CIENTISTA**Autora:** Beatriz Ferraz Bühler beatriz.buhler@edu.mt.gov.br**Coautora:** Alana Isabeli Silva Leite alanaisabeli229@gmail.com**Coautora:** Maria Gabrielly Baroncielo Ataídes mariagabriellybaron3@gmail.com**Coautora:** Sara Ramos Scaff sararamosscaff804@gmail.com**Coautora:** Edilaine de Oliveira Lima edilaynelima99@gmail.com**RESUMO**

A participação feminina na ciência vem crescendo nos últimos anos, entretanto, pesquisas demonstram que, nós, mulheres, ainda representamos menos da metade dos pesquisadores mundiais. Uma das estratégias capazes de melhorar esse cenário é o investimento em programas que fomentem o acesso das meninas às ciências desde a educação básica. Neste sentido, contamos neste relato de experiências como nós, estudantes do ensino médio da Escola Estadual Onze de Março, nos tornamos cientistas em um mês de imersão científica. Em janeiro de 2023 desenvolvemos um plano de trabalho que realizou a análise ambiental de rios urbanos como instrumento de iniciação científica no ensino médio. O plano de trabalho foi ofertado pelo Laboratório de Ictiologia do Pantanal Norte (LIPAN) UNEMAT – Cáceres/MT, em atendimento ao Programa Futuras Cientistas do Centro de Tecnologias e Estratégias do Nordeste (CETENE), que busca fomentar a participação de meninas do EM das escolas públicas estaduais do Brasil na área STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática). Assim, naquele mês, estudamos sobre a qualidade da água do rio Paraguai, incluindo coletas a campo e análises laboratoriais das amostras de água coletadas. Estivemos sob orientação de monitores e professores até a finalização da escrita do relatório científico e apresentação dos resultados em um seminário. Acreditamos que esse trabalho nos proporcionou uma experiência valiosa na iniciação científica como meninas estudantes do EM, uma vez que nos permitiu um grande aprendizado para o futuro, além de nos ajudar na escolha da nossa formação acadêmica (ciências da natureza, por exemplo). Como as aulas foram divididas em aulas teóricas e práticas pudemos aprender com vários profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Ter participado pôde auxiliar quem sempre apresentou dificuldade em manter o interesse nas aulas teóricas, pois pudemos aprender com a prática. Ter estudado a qualidade da água em um ponto turístico, bastante visitado e usado para recreação nos fez ter noção quanto à irresponsabilidade do homem para com a natureza, muitas vezes podendo prejudicar até a si mesmo. Em nossa concepção foi uma experiência única ter contribuído e participado das aulas, com grandes mulheres da ciência e ótimos orientadores. Pudemos nos enxergar como pesquisadoras. Assim, de um modo geral participar desse projeto nos trouxe um aprendizado espetacular pois ter a experiência de estar em um ambiente de pesquisa, foi algo maravilhoso.

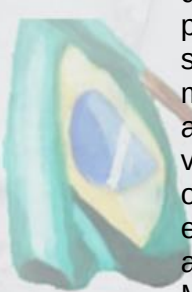
Realização:

Mulheres Voluntárias e Assistidas: Unidas Em Defesa da Vida!

Autora: Camila Ferrer Antunes Maciel

E-mail: camilaferrer@unemat.br

Coautora: Divandir Ávila Miranda

E-mail: divaavila2010@hotmail.com**RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de dar visibilidade às ações desenvolvidas pela Cáceres Mama. Criada em 23 de abril de 2012, a associação de trabalhadora(s) voluntária(s) contra o Câncer de Mama em Cáceres-MT, sem fins lucrativos, tem a finalidade de apoiar as pessoas com câncer de mama antes, durante e após tratamento. Atualmente conta com 40 associadas/voluntárias que prestam apoio nos diversos projetos e acompanham 115 mulheres cadastradas como assistidas, sendo que a maioria são de Cáceres/MT, porém também assiste mulheres de municípios vizinhos que fazem o tratamento aqui na cidade e necessitam de apoio. Durante todo o ano a associação desenvolve um trabalho informativo e orientativo, com a intenção de alertar o maior número de pessoas, principalmente as mulheres sobre a importância do diagnóstico precoce do câncer, dos fatores de risco e prevenção. Sendo mais intensificado durante a campanha Outubro Rosa, que é uma campanha realizada mundialmente. São desenvolvidos também vários projetos como Almofada do Coração que tem o objetivo dar um pouco de conforto e alívio às mulheres que são submetidas a cirurgias durante o tratamento. Projeto Banco de Perucas, Lenços e Turbantes para atender mulheres em processo de quimioterapia e radioterapia que perdem seus cabelos. Também disponibiliza sutiãs com próteses para mulheres que fizeram mastectomia. O Projeto Café Com Carinho acontece de segunda a sexta-feira no setor de oncologia do Hospital Regional onde um reforçado café da manhã é oferecido aos pacientes em tratamento oncológico e seus respectivos acompanhantes. O Projeto Encontro Bimestral com o objetivo de reunir assistidas e voluntárias para troca de conhecimentos por meio das rodas de conversas, palestras orientativas com temas relevantes relacionados ao câncer de mama, tratamento, alimentação e motivação; entre outros projetos. Muito além de um trabalho beneficente e assistencial, a associação participa ativamente no Conselho Municipal de Saúde e Conselho Municipal da Mulher, onde voluntárias da Cáceres Mama desempenham um importante papel nas discussões e cobranças junto aos Poderes Executivo e Legislativo Municipal por políticas públicas e ações afirmativas em prol do coletivo que representa.

Palavras-chave: Cáceres Mama, Associação e Políticas Públicas.

Realização:

O COLETIVO DE MULHERES DE CÁCERES

Autora: Camila Cornelio de Oliveira Santos/psicocamilaoliveira@gmail.com

Bolsista Profissional Programa Coletivo de Mulheres/PROEC/UNEMAT

Coautora: Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia/tamires.cristina@unemat.br

Integrante do Programa Coletivo de Mulheres/ PROEC/UNEMAT

Orientadora: Viviane Teixeira Silveira/viviane.silveira@unemat.br

Coordenadora do Programa Coletivo de Mulheres/PROEC/UNEMAT

RESUMO

Esse resumo tem por objetivo resgatar a história e vivência do Coletivo de Mulheres de Cáceres com o intuito de retomar nossas ações. Somos um movimento que teve início em 2016 nos corredores da Universidade do Estado de Mato Grosso que contou com professoras das áreas da Educação Física, Agronomia e Biologia. Percebendo a incidência da violência de gênero e os preconceitos em relação à diferentes sexualidades entre as alunas desta Universidade, estas professoras, juntamente com acadêmicas da UNEMAT, decidiram estudar a respeito dessas violências, fortalecendo o feminismo e propondo manifestações através da arte: teatro, dança, intervenções, performances e ações que fazem referência a todo sangue feminino já derramado nas “ruas estreitas de nossa cidade”, considerando os recortes interseccionais. Tais intervenções referem-se aos feminicídios e outras violências que atravessam a comunidade cacerense há anos, e que ainda se faz presente na memória de meninas, mulheres, mães, pessoas Queer e LGBTQIAP+ que sofrem e são caladas pelo ditado popular que “em briga de marido ou mulher, não se mete a colher”. Junto à essas manifestações promovidas em diferentes momentos, promovemos também um grupo de estudo com leituras de literaturas feministas, dando ênfase e relacionando às experiências compartilhadas entre mulheres que ocupavam seus papéis em diferentes espaços públicos e privados: professoras, alunas, acadêmicas, donas de casa, artistas, entre outras. As intervenções sociais do coletivo ocorreram nas imediações da UNEMAT, na Praça Barão do Rio Branco em manifestações levando em suas mãos velas, cartazes e movimento de corpos artísticos através de performances. Retomamos este Coletivo, hoje com apoio institucional e financeiro da UNEMAT, e convidamos todas e todos para que participem conosco na construção de uma sociedade com mais equidade de gênero.

Palavras-chave: Feminismo; Ativismo; Equidade de Gênero.

Realização:

Para mim, para você, mulher negra: a importância do debate sempre

Autora: Rita de Cássia Cruz Coelho/ritadecassia@unemat.br

Coautora: Camile Vitória Maniero Vanini/e1417289@edu.mt.gov.br

Coautora: Érica Fernanda Figueiredo Fialho/e1302329@edu.mt.gov.br

Coautora: Kátia Jaine Ferreira Almeida/e1989356@edu.mt.gov.br

Coautora: Mara Ribeiro de Oliveira/e1414948@edu.mt.gov.br

RESUMO

O presente artigo propõe relatar uma experiência de sala de aula, de atividades por meio de leituras e seminários sobre a temática Mulheres, organizado nas aulas de Língua Portuguesa, com alunos da terceira série do Ensino Médio, da escola Estadual Onze de Março. Debater sobre a violência contra a mulher, o racismo, a desigualdade de gênero, os silenciamentos, entre outros, torna-se indispensável para um possível entendimento e desenvolvimento de pessoas conscientes que respeitem a diversidade, a liberdade de expressão e principalmente as mulheres. Segundo a lei Maria da Penha, 73% das mulheres agredidas de alguma forma, são negras e sofrem mais pela desigualdade social e racial por serem mulheres e serem negras. Esta sociedade delega que pessoas negras sejam frequentemente colocadas em um papel secundário sem questionamento, anulando a importância destas para a sociedade. Há uma necessidade urgente de mudanças, principalmente quanto ao combate ao racismo estrutural e à discriminação das mais diferentes formas, isso é fundamental para a construção de um futuro mais justo e igualitário. Enquanto mulheres brancas lutam pela igualdade, mulheres negras lutam para serem reconhecidas como pessoas, pois infelizmente os índices de racismo e desigualdade hoje em dia são altos e a sociedade ainda é muito retrógrada e machista, pois ainda mantém um regime de opressão às mulheres e principalmente às mulheres negras. Nesta apresentação objetiva-se dar visibilidade nas experiências que têm ocorrido em sala de aula, como rodas de conversa, debates, trocas de experiências, que possam levar às estudantes a se sentirem confortáveis para contar-se, desabafar e alertar umas às outras, reeducar atitudes, pensamentos e ideias, num movimento antirracista. Essa experiência de sala de aula possibilitou organizar um projeto na escola com leituras, discussões, testemunhos sobre essa temática primordial para o empoderamento feminino, e mais, para o empoderamento da mulher negra, que tem em seu maior objetivo, transpassar os muros da escola para a vida.

Racismo. Luta. Empoderamento

Realização:

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: RODA DE CONVERSA SOBRE POBREZA MENSTRUAL
NA ESCOLA ESTADUAL ******Autor (a):** Nome/E-mail**Coautor (a):** Nome/E-mail**Coautor (a):** Nome/E-mail**Coautor (a):** Nome/E-mail**Coautor (a):** Nome/E-mail**RESUMO**

De acordo com os dados da pesquisa sobre pobreza menstrual no Brasil realizado pela UNICEF e UNFPA em 2021, 713 mil meninas vivem sem acesso a banheiro ou chuveiro e mais de 4 milhões não tem acesso a itens de cuidados menstruais nas escolas. Com esses dados em mente e através de reunião entre grêmio estudantil e coordenação escolar da E. E. **, surgiu a ideia de realizar um projeto, voltado para as 188 meninas que fazem parte desta unidade escolar, com o objetivo de conscientização sobre este e outros temas que atravessam as condições desse público, como: a autonomia e autoestima. Desse modo, o grêmio estudantil iniciou o planejamento pensando em trazer um espaço de acolhimento, confortável e descontraído, onde as participantes tivessem liberdade para discussões, troca de ideias e experiências. No início de março o projeto foi colocado em prática, durando cerca de 2h em cada período (matutino e vespertino). Realizado na biblioteca, o espaço foi preparado com um espelho na porta para uma dinâmica de entrada de autoestima e autoconhecimento, também com um tapete, almofadas e cadeiras posicionadas em formato circular. Na roda de conversa foi abordado o que é a pobreza menstrual (foi assistido um pequeno vídeo sobre o tema), higiene pessoal, uso correto e descarte de absorventes e preservação do banheiro feminino. Este projeto deu abertura para diversas discussões, as participantes ficaram surpresas ao conhecer a realidades de tantas outras meninas e mulheres no Brasil e no mundo, também se sentiram interessadas no tema e seguras para realizar perguntas, sanar dúvidas e expor ideias de melhorias no espaço escolar e no banheiro feminino, além deste ser um passo importante para a normalização de falas sobre a menstruação. A roda de conversa foi encerrada com um brinde de lembrança para as participantes e teve resultados positivos dentro do proposto, oportunizando mudanças significativas no espaço escolar e possibilitando novas discussões futuramente.

Palavras-chave: menstruação, acolhimento, cuidado.

Realização:

**VIVÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA INSERIDA
NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO****Autor (a):** Madelen Pena Suarez/ madelen.pena@unemat.br**Coautor (a):** Cleber de Oliveira Cavalcanti/ cleber.cavalcanti@unemat.br**Coautor (a):** Josiane de Jesus Barbosa/ josiane.barbosa@unemat.br**Coautor (a):** Mayara de Matos Miatello/ mayara.miatello@unemat.br**Coautor (a):** Polyana de Castro Costa/ polyana.andy@gmail.com**Coautor (a):** Alex da Silva/ s.alex@unemat.br**RESUMO**

Este trabalho é fruto de um estudo que está sendo desenvolvido dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Matemática da UNEMAT – Campus Cáceres/MT. Este estudo tem como objetivo, a investigação das contribuições das mulheres nos avanços, descobertas e estudos em Matemática e no seu ensino. Ao se tratar de conceitos matemáticos, estes, geralmente, estão atrelados à nomes de grandes matemáticos da história como Pitágoras e Tales, por exemplo. Qual o destaque dado às mulheres? As mulheres têm colaborado para a construção da matemática e suas contribuições, geralmente, não foram valorizadas ao longo da história. Grandes mulheres como Hipátia de Alexandria e Maria Agnesi contribuíram significativamente neste processo. Várias mulheres se sobressaíram na matemática ao longo da história, enfrentando obstáculos para que fossem aceitas e seus trabalhos reconhecidos. A Matemática, nesse ínterim, foi e vem sendo feita por mulheres, como é o caso da professora Vânia Horner de Almeida. A investigação de suas contribuições ao Ensino de Matemática foi produzida através de uma entrevista semiestruturada. A professora Vânia Horner de Almeida foi reconhecida nacionalmente, no ano de 2007, pelo Prêmio Educadora Nota 10, com o projeto: “Gado leiteiro, leite e derivados: uma fonte de renda familiar na área de matemática”, cujo estudo foi derivado do seu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, na modalidade parceladas, do polo de Vila Rica/MT (2007). Ela é Mestra em Educação para Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Goiás, onde atualmente cursa seu doutorado, além de já ser Especialista em Ensino de Matemática e Ciências pela UNEMAT (2010) e Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Gama Filho (2010). A professora Vânia, que atua em Vila Rica, vem de uma formação de Escola do Campo, onde foi aluna, professora e agora tem como responsabilidade a formação de seus colegas para atuar nesse contexto. O ensino de matemática evidenciado na Educação no Campo necessita de um olhar especial. Olhar este, focado e intencional às experiências que os estudantes que residem no ambiente rural podem suscitar. É importante destacar, os trabalhos das mulheres na matemática para incentivar atuais e futuras gerações de mulheres, que elas podem produzir conhecimento, que podem optar pela Matemática e serem valorizadas com o devido reconhecimento.

Palavras-chave: Educação no Campo; Vânia Horner de Almeida; Ensino de Matemática.**Referências Bibliográficas**

MARQUES, E. L. G.; PINHEIRO, J. M. L. Lugar de mulher é... também na matemática: compreensões a partir da perspectiva da Educação Matemática Crítica. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 558-590, 2022.

Realização:

SILVA, L. P. **Mulheres na Matemática:** a produção do conhecimento matemático além das fronteiras de gênero. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Realização:

MANERRUPTING

A PRÁTICA DE INTERROMPER MULHERES ANTES DE TERMINAR A FALA.

Autora: Raquel Mendes dos Santos

raquelmendes@unemat.br

RESUMO



Nas discussões sobre gênero, a expressão *maninterrupting* já é bem conhecida. A palavra é uma junção de *man* (homem) e *interrupting* (interrupção) que significa homens que interrompem a fala das mulheres. O *maninterrupting* é uma forma de alertar e conscientizar sobre as condutas de discriminação de gênero. O termo foi criado pela jornalista Jessica Bennett e ficou conhecido a partir de janeiro de 2015 após a publicação de um artigo para o jornal TIME. Para identificar o *maninterrupting*, podemos exemplificar a seguinte situação: em uma reunião profissional, uma mulher traz explicações sobre os resultados do mês para os negócios, mas antes de terminar, é interrompida por um homem (*maninterrupting*), impedindo-a que finalize o raciocínio. O exemplo citado trata de um ambiente corporativo, mas pode ocorrer em diferentes cenários, como conversa entre amigos e familiares, reuniões acadêmicas, debates eleitorais, entre outros. O tom de voz utilizado pelo homem pode ser rude, grosseiro, sarcástico ou até mesmo desdenhoso. É um comportamento que visa calar a voz da mulher, mesmo em assuntos que elas dominam. Isso pode ter consequências que vão desde a insegurança da mulher, até problemas profissionais. Quando uma mulher fala num ambiente profissional, ou ela mal é ouvida ou ela é considerada muito agressiva. Quando um homem diz exatamente a mesma coisa, os colegas apreciam a boa ideia. O fenômeno reflete a crença de que as mulheres valem socialmente menos do que os homens. Algo que acontece por causa dos preconceitos inconscientes que temos sobre gênero, como a tendência de ver homens como líderes e mulheres como subordinadas. Em 2017, a ministra Carmem Lúcia, então presidenta da mais alta corte judicial do país, relatou que poucas vezes ela e a ministra Rosa Weber eram interrompidas, pois sendo as duas únicas mulheres, os demais ministros pouco as deixavam falarem, citando uma pesquisa realizada, que em todos os tribunais constitucionais onde há mulheres, o número de vezes em que as mulheres são aparteadas é 18 vezes maior do que entre os ministros. Diante de uma situação de *maninterrupting* e, visando combatê-la, é importante falar frases como: “não quero ser interrompida”, “não concluí a minha fala” ou, “não me interrompa”.

Palavras-chave: interrupção; *maninterrupting*; política; igualdade de gênero, direito e justiça.

Realização:

**PRECISAMOS FALAR SOBRE O MACHISMO: ABORDAGEM POR MEIO DO FILME
TEMPLE GRANDIN****Autora:** Joyce Wandela Viana Ribeiro/wandela.joyce@unemat.br**Coautora:** Camille Ferreira Chaves/camillichaves1@gmail.com**Coautora:** Marizely da Silva Bernardo/marizely.bernardo@unemat.br**Coautora:** Danielly Xavier Dias/daniellyxavier99@gmail.com**Coautora:** Julianna Zilocchi Miguel/julianna@unemat.br**Coautora:** Luciana Melhorana Moreira Añez/luciana.melhoranca@unemat.br**RESUMO**

Como parte das atividades previstas no projeto “Gênero na universidade: as violências de gênero no espaço universitário do Curso de Bacharelado em Agronomia”, foi realizada uma atividade com alguns estudantes do mencionado curso, nas dependências do Campus Universitário Jane Vanini, de Cáceres, na Universidade do Estado de Mato Grosso. Após a apresentação da área de Zootecnia e dos projetos vigentes foi projetado um filme chamado Temple Grandin. Esse filme é baseado em uma história real, que apresenta toda a trajetória da vida de Temple, uma mulher autista, psicóloga e zootecnista, reconhecida mundialmente pelos seus trabalhos. O filme aborda também assuntos ligados ao machismo e ao autismo, principalmente por ter sido em uma época em que mulheres não eram bem vistas se graduando em áreas como a zootecnia, pois eram minoria em meio a muitos homens. Mulheres não eram muito bem aceitas nessa área, além de serem desacreditadas, pois era entendido que uma mulher não saberia ou não seria capaz de executar um trabalho que ainda era considerado um trabalho para exclusivo para homens, sem qualquer motivo lógico. Logo após a projeção do filme, foi feita uma abordagem sobre as impressões recebidas em uma roda de conversa com os alunos e as alunas para discutir sobre pontos importantes observados. Notou-se que os/as acadêmicos/as não perceberam o machismo no demonstrado no conteúdo do filme, concentrando-se apenas na questão do autismo. Assim, a questão foi trazida à luz e expostas aos estudantes que concordaram com as dificuldades vividas por Temple pelo simples fato dela ser mulher. Além disso, foram feitas pontuações para que os/as alunos/as não deixassem passar em branco as violências, preconceitos, machismo que poderiam passar dentro do âmbito universitário, encorajando-os a fazerem denúncias e sempre ajudar colegas nessas situações. Posto isso, muitos alunos acabaram relatando situações de machismo e violência que passaram, sem perceber a gravidade desses atos, como se fosse algo “comum” viver esses tipos de ações. Assim, contamos que ainda devemos trabalhar muito para que contribuamos com a desnaturalização do machismo dentro e fora da Universidade.

Palavras-chave: gênero, universidade e violência.

Realização:

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO: RELATOS DE ACADEMICAS/OS DO CURSO DE
AGRONOMIA EM CÁCERES/MT****Autora:** Joyce Wandela Viana Ribeiro/wandela.joyce@unemat.br**Coautora:** Camille Ferreira Chaves/camillichaves1@gmail.com**Coautora:** Marizely da Silva Bernardo/marizely.bernardo@unemat.br**Coautora:** Danielly Xavier Dias/daniellyxavier99@gmail.com**Coautora:** Viviane Teixeira Silveira/viviane.silveira@unemat.br**Coautora:** Giulianna Zilocchi Miguell/giulianna@unemat.br**RESUMO**

O conceito da palavra “violência” pode ser compreendida de várias maneiras, no qual acaba evidenciando uma grave saúde pública. De acordo Hayeck (2009) a complexidade do termo da palavra violência deve ser tratada de forma cautelosa por ter vários sentidos, tais como: violência doméstica, violência moral, violência física, violência contra a mulher, violência de gênero e dentre outras. Devido a sua alta incidência e consequências que causa à saúde física e psicológica independentemente do local e por quem a pratica, foi realizado uma pesquisa que tem como objetivo saber se algum tipo de violência é vivenciado, no âmbito universitário/profissional, pelas/os acadêmicas/os do curso de Agronomia da UNEMAT, em Cáceres. Foram aplicados 30 questionários, no qual 77% declaram ser do gênero feminino e 23% do gênero masculino. As questões foram respondidas apenas com sim ou não. Ao serem perguntados se já lhe disseram que a profissão/curso que haviam escolhido não era para mulher/homem, 70% responderam sim, sendo que desses, 63% eram do gênero feminino e 7% do masculino. Outra pergunta foi, você é ou já foi se já constrangida/o ou ofendida/o com piadas machistas, racistas ou homofóbicas 63% de pessoas do gênero feminino e 14% do masculino, responderam que sim. Ainda relataram que as “piadas” surgiram por parte de colegas, professores e técnicos. Ao serem perguntados se já foram prejudicados por algum professor/a dentro da universidade, por ser mulher, homem, ou homossexual, 20% se manifestaram que sim, sendo todos do gênero feminino. Quando perguntados se já tiveram dificuldades de conseguir estágio ou emprego por ser mulher/homem, 37% responderam que sim e 63% não, dentre eles 19% eram do gênero masculino e 44% do feminino. Com base nos dados obtidos fica constatado que grande parte das acadêmicas do curso de Agronomia ainda sofrem violências por serem mulheres, nas relações acadêmicas e profissionais. Apesar dos indivíduos do gênero masculino responderem que se sentem violentados em alguns aspectos, isso não se caracteriza como uma violência de gênero, todavia é uma violência gerada a partir do machismo, da misoginia e da lgbtfobia, que antes não eram vistos e ditos pelos próprios como violência.

Palavras-chave: constrangimento; machismo, piadas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HAYECK, C. M. Refletindo sobre a violência. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS, São Leopoldo, ano 1, n. 1, jul. 2009. KRUG, E. G, et al. (eds.) World report on violence and health. Geneva: World Health Organization, 2002.

Realização: